



O FACEBOOK COMO ESPAÇO DE COLABORAÇÃO NA PRÁTICA DOCENTE EM ARQUITETURA

MURILO SANTOS LACERDA
RONALDO NUNES LINHARES

EIXO: 14. TECNOLOGIA, MÍDIAS E EDUCAÇÃO

RESUMO

O texto a seguir tem como objetivo a discussão a respeito da utilização das redes digitais como apoio a prática docente em ensino superior. Apresentamos uma experiência desenvolvida no curso de Arquitetura com alunos da disciplina Proj. Arquitetura e Urbanismo I utilizando a rede social Facebook como tecnologia de comunicação e aprendizagem colaborativa. Para o desenvolvimento do estudo foram utilizados questionários mistos, aplicados no início e final do processo, bem como o registro das discussões na rede sobre textos previamente sugeridos aos alunos. Como referencial teórico, foram trabalhados conceitos de dispositivos tecnológicos e interações em redes para o processo ensino/aprendizagem no mundo digital. Os resultados destacamos que no geral os alunos aprovaram a experiência, no entanto entendem que a mediação do professor deve ser mais ativa e clara.

Palavras-chave: Prática docente. Arquitetura. Redes sociais.

ABSTRACT

This article aims to discuss about the use of digital networks to support the teaching practice in higher education. We present an experience developed in the Architecture course with students of the discipline of Architecture Design and Urbanism I using social network Facebook as communication technology and collaborative learning. To develop the study mixed questionnaires were used, applied at the beginning and end of the process, as well as the record of the discussions on the network on previously suggested to students. As a theoretical framework, the concepts of technological devices were worked interactions in networks for the teaching / learning process in the digital world. The results point out that in general the students approved the experience, however understand that the mediation of the teacher should be more active and clear.

Keywords: Teaching practice. Architecture. Social networks.

1 INTRODUÇÃO

Na atualidade, a forte disseminação da cultura digital em rede traz-nos a necessidade de rever a postura docente diante das possibilidades por ela proporcionadas e desenvolver novas metodologias que integrem os atuais dispositivos tecnológicos e suas funcionalidades junto aos conteúdos acadêmicos de maneira a promover um eficiente desenvolvimento do processo ensino/aprendizagem.

Embora esteja arraigada nos diversos aspectos do meio social, a cultura digital desenvolve-se num ritmo mais lento nos ambientes acadêmicos. Segundo Moran (2013, p. 12), “a escola precisa reaprender a ser uma organização efetivamente significativa e inovadora, empreendedora. Ela é previsível demais, burocrática demais, pouco estimulante para os bons professores e a

Assim, observa-se que o programa da maioria das disciplinas curriculares ainda não agrega em seus planos de ensino competências digitais e os seus conteúdos e metodologias são alinhados de maneira “engessada”, dificultando e às vezes impossibilitando a aplicação de atividades que empreguem dispositivos digitais em rede.

Essa cultura digital está alicerçada principalmente em tecnologias móveis, que fazem romper as barreiras de tempo e proporcionando flexibilidade ao processo ensino/aprendizagem. Porém torna-se um desafio a organização desse processo de maneira atraente e eficiente e ainda proporcionar um diálogo entre os ambientes presenciais e digitais.

Sob a perspectiva da flexibilidade e da multiplicidade dos espaços, o aluno pode aprender a qualquer hora e em qualquer lugar sozinho ou em grupo, numa rede de informações que favorece a construção do conhecimento de maneira colaborativa de acordo com a conveniência de cada um. Um simples clique na tela dos dispositivos tecnológicos, sejam eles fixos (desktop) ou móveis (notebooks, tablets, smartphones), dá acesso a uma gama de informações ao mesmo tempo, cabendo a ele selecionar o conteúdo de acordo com a sua necessidade.

Como afirma Ribeiro (2014, p. 59), “a aprendizagem se realiza no ato da interação” e a “‘sala de aula’ se configura não apenas como todo e qualquer espaço onde se estabelece relações entre pessoas, e, por conseguinte, se desenvolve um processo educativo”. Entendemos, portanto, que os espaços digitais, ainda que não promovam o contato físico entre os indivíduos, favorecem comunicações virtuais entrelaçando informações, construindo conhecimento e tornando-se um importante componente do processo ensino-aprendizagem.

Estas novas formas de comunicação com suporte nas tecnologias digitais nasceram como um novo espaço de comunicação e socialização, forma de se organizar e realizar transações, além de ser um novo mercado do conhecimento e informação, a base do ciberespaço. Local em que as interconexões dos diversos jovens espalhados pelo planeta com o espírito de experimentadores natos e de sua colaboração coletiva e as novas formas de comunicação digitais fazem com que o Ciberespaço continue crescendo e ampliando o mar de informações.

Na visão de Lévy (2010, p. 17) a evolução do Ciberespaço possibilita a criação da Cibercultura, como sendo o “[...] conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço.” Essa Cibercultura é responsável pela forma de criar estes novos espaços como a internet e suas variáveis evolutivas 1.0, 2.0, 3.0, e de todos os dispositivos e práticas que possibilitaram o desenvolvimento, a exemplo do que este mesmo autor identifica como inteligência coletiva.

A inteligência coletiva se constrói na autonomia e na prática colaborativa. Para Panitz (1997) a colaboração é um estilo de vida social, além de uma filosofia de interação, sendo cada indivíduo responsável pelas suas ações, incluindo a sua aprendizagem. Interagir com outros na condição de “prosumers” (TOFLER, 2012) - ativos usuários que compartilham informações, compartilham, analisam, discutem, reclamam, inovam e investigam - cria um movimento que transforma a relação dos sujeitos com o conhecimento e o saber e traz novas formas e possibilidades de se aprender e ensinar. A inteligência coletiva permite que diferentes sujeitos e grupos sociais através de conexões sociais em redes abertas digitais, compartilhem ideias. No ciberespaço, os mais diferentes saberes encontram sua complementaridade, nas práticas da colaboração/interação mediadas pelas tecnologias digitais se efetivam novas possibilidades de aprender.

As aprendizagens colaborativas e cooperativas estão fundamentadas na teoria construtivista de Piaget, sendo o conhecimento descoberto pelos alunos e podem transformá-los dentro de um relacionamento. Esse aprendizado pode se dar por meio de diálogos entre os envolvidos. Os alunos aprendem a apreciar e compreender diferentes perspectivas através de um diálogo com os membros do grupo. Para Dewey (1976), os alunos não aprendem de forma isolada, o indivíduo aprende por fazer parte da envolvente comunidade e no mundo como um todo."

Neste contexto, e buscando um alinhamento do currículo normatizado com o meio digital, o presente texto apresenta resultados de uma experiência desenvolvida na disciplina Projeto de Arquitetura e Urbanismo I, que compõe a grade curricular do terceiro período do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Tiradentes - Unit. Dispondo de quatro créditos a disciplina soma uma carga horária total de 80 horas/aula, divididas em duas unidades letivas. Nela, os alunos aprendem a criar seu primeiro projeto arquitetônico acadêmico cujo tema é Residência Unifamiliar.

3 - PERCURSO METODOLÓGICO

A partir da análise do plano de ensino da disciplina, julgamos a carga horária restrita para o atendimento dos objetivos propostos e das designações de competências e habilidades, uma vez que, além do desenvolvimento das atividades propostas, os discentes deveriam adquirir certo aprofundamento teórico e conceitual para o embasamento das suas propostas. Assim, procedemos ao desenvolvimento de uma metodologia paralela às atividades desenvolvidas em sala de aula. Utilizamos o espaço virtual, como uma rede social na internet, onde docente e discentes tivessem a flexibilidade de participar do processo ensino/aprendizagem de maneira que o tempo formal acadêmico da sala de aula ficasse reservado para as discussões

das propostas projetuais.

A Universidade Tiradentes propõe a aplicação de um instrumento avaliativo denominado Medida de Eficiência (ME), que agregará de 20% a 40% do valor da nota final de cada unidade e pode consistir no desenvolvimento de atividades extra-curriculares que complementem os conhecimentos previstos no conteúdo programático de cada disciplina. Assim, essa atividade é proposta como a ME da disciplina para as duas unidades letivas.

A atividade aqui apresentada foi desenvolvida em duas turmas da referida disciplina, no período de 27 de janeiro a 31 de janeiro de 2015 para a turma E06 e de 28 de janeiro a 01 de abril para a turma E04, compreendendo o período curricular da Uni. No início do semestre as duas turmas juntas contavam com 54 alunos, mas por motivos diversos, tais como ingressos de alunos, trancamentos de matrícula, mudanças de turma, entre outros, este número foi-se alterando até o final da unidade com 48 alunos.

Antes de iniciar o processo, e até mesmo antes da apresentação da proposta, foi aplicado um questionário no primeiro dia de aula de cada turma, nos dias 27 e 28 de janeiro de 2015, respectivamente nas turmas E06 e E04, com o objetivo de investigar sobre o acesso dos alunos à internet e às redes sociais. O questionário, intitulado “VC ONLINE?”, continha identificação dos discentes e foi composto por cinco questões, objetivas e mistas. Nas datas de aplicação do questionário total de 39 alunos, somando as duas turmas, estavam presentes e responderam as questões.

Após tabulação e análise dos resultados deste questionário, constatou-se que 38 (97,44%) dos respondentes tinham acesso à internet, o que deixa certa dúvida quanto à resposta do único colaborador que afirma não ter acesso (2,56%), uma vez que 100% deles estavam conectados a uma rede social no período da pesquisa. É possível que este último talvez não tenha acesso à internet somente em sua residência, havendo a possibilidade de fazê-lo em outra localidade.

Dos quatro dispositivos eletrônicos apresentados na questão como sugestão para conexão (smartphone, tablet, notebook, desktop), 37 (94,87%) responderam possuir smartphone e 32 (82%) notebook. Estes dispositivos móveis flexibilizam o acesso à internet no quesito tempo e espaço para a grande maioria dos discentes, bastando apenas uma conexão 3G, 4G ou WiFi.

De acordo com 22 respondentes (56,41%) o acesso à internet é feito em suas residências, 13 (33,3%) acessam a internet de conexão disponibilizada pela escola e somente 2 (5,13%) no trabalho. Independente do espaço específico de acesso, a maioria 22 (56,41%) afirmam acessarem de qualquer lugar através da conexão móvel 3G. Assim, constata-se que a maioria, os variados locais de conexão que poderiam dificultar o acesso em qualquer horário, de acordo com a conveniência do aluno, é resolvida pelos dispositivos móveis que possibilitam uma conexão imediata em qualquer tempo e lugar.

Na era da comunicação em redes digitais, 100% dos discentes afirmam que participam de alguma rede social no ciberespaço[1] e, de maneira discursiva, elencam várias redes distintas - Facebook, Instagram, Snappchat, Twitter, Whatsapp, E-mail, Hotmail, Outlook, Youtube e Skype – acrescentando também o Instagram, Snappchat, Tinder e WhatsApp (aplicativos para smartphones e/ou tablets) nesta categoria. Acredita-se que para alguns tenha ocorrido alguma dúvida sobre rede social digital e correio eletrônico uma vez que tenham acrescentado às suas respostas o Outlook, o Hotmail e o E-mail. Da totalidade adepta das redes sociais digitais, 36 (92,3%) mantinham perfil ativo no Facebook no momento da aplicação do questionário, seguidos por 20 (51,28%) que mantinham perfil no Instagram.

Acreditávamos que “conhecer pessoas” fosse ser a resposta de maior percentual em relação à principal motivação para participar das redes sociais. Os respondentes atestam que compartilhar conhecimento e aprender são as suas principais finalidades no uso das redes sociais digitais (76,9%), contra a média de 32% para as demais finalidades apontadas na questão (conhecer pessoas, exibir aspectos particular/profissional e conhecer aspectos particular/profissional de outros).

Diante do exposto, constatou-se que para este grupo o Facebook é a rede social digital de maior penetração considerando a predisposição dos alunos para acessá-lo na busca do conhecimento através do compartilhamento de informações. Numa perspectiva colaborativa, este espaço poderia ser utilizado para o desenvolvimento de atividades pedagógicas que contribuíssem no processo ensino/aprendizagem. Acrescenta-se a isso, as possibilidades de compartilhamento, instantaneidade, independente do tempo e lugar.

A segunda etapa da experiência se deu a partir do desenvolvimento de atividades utilizando o Facebook de maneira a aproveitar o tempo de aprendizagem dos alunos para além do espaço físico da sala de aula, reservando os encontros em salas de discussões presenciais acerca dos projetos arquitetônicos que são o foco da disciplina. A rede social foi utilizada para discussões de textos sobre a temática da arquitetura no intuito de favorecer um maior embasamento teórico dos discentes em relação aos conceitos de projeto e para hospedar trabalhos de pesquisa. A atividade promoveu uma interação entre o físico (livro impresso) e o digital (rede social virtual) e apresentou-se de maneira assíncrona, uma vez que os discentes tiveram a liberdade para contribuir nos horários que lhes conviesse.

Tal atividade foi pontuada na avaliação como Medida de Eficiência (ME) valendo 20% da nota da unidade. O livro selecionado para orientar e fundamentar a discussão foi “A Arquitetura da felicidade”, de Alain de Botton, composto de seis capítulos. Os três primeiros foram objeto de discussão na Unidade I e os demais na Unidade II, com intervalos de tempo pré-determinados para a discussão de cada capítulo, com a finalidade de induzir certa disciplina ao processo.

Em sua interface, o Facebook oferece a possibilidade de criação de grupos para discussões, podendo ser de três tipos: (o grupo, seus membros e suas publicações estão visíveis a todos os usuários do Facebook), fechado (o grupo e seus membros estão visíveis a todos os usuários, mas as publicações estão visíveis apenas para seus membros, neste caso o criador e demais participantes podem inserir novos integrantes) ou secreto (visualizados somente por seus membros, e participantes são inseridos apenas pelo administrador do grupo). Nos três tipos, o criador do grupo é seu administrador, pode eleger outros administradores, selecionando em campo específico na interface do Facebook.

Para o desenvolvimento da atividade optou-se pelo grupo do tipo fechado, assim poderia ser pesquisado pelos interessados (alunos e professor) e solicitado o seu ingresso. Após a aceitação, os novos membros teriam a possibilidade de convidar outros membros, desta maneira haveria mais agilidade no processo e a complementação dos grupos não somente sob a responsabilidade do professor.

A proposta foi apresentada à turma e após sua aprovação foram criados dois grupos fechados, Projeto I_E04_2015 e Projeto I_E06_2015 [2]. Para a criação do grupo havia a necessidade de outro membro além do criador (administrador), a premissa foi possível de ser realizada uma vez que alguns discentes das duas turmas já haviam sido alunos do professor em outra disciplina e já faziam parte dos contatos do mesmo em seu perfil no Facebook.

As mensagens para as discussões, aqui denominadas de “post”, deveriam ser publicadas nos grupos fechados de acordo com os seguintes critérios:

- Cada aluno deveria participar da discussão respondendo os questionamentos, fazendo questionamentos, interagindo com os colegas e, sobretudo, acrescentando informações adquiridas em suas vivências pessoais e em outras leituras de maneira a desenvolver uma construção social do conhecimento;
- Cada aluno deveria postar seus comentários através de smartphones, tablets ou computadores, pessoais ou públicos em locais de sua preferência onde tivesse acesso à internet;
- A participação poderia acontecer em qualquer horário do dia, desde que respeitadas as respectivas datas determinadas para cada trecho do livro. O aluno que não postasse mensagens em algum dos prazos não receberia a respectiva pontuação;
- Somente seria pontuado o aluno que participasse com informações pertinentes ao tema. Mensagens contendo orações curtas e/ou monossilábicas que não agregassem conhecimento à discussão seriam desconsideradas para a pontuação.

Além das discussões, que somavam 15% da nota, e no intuito de estabelecer um referencial projetual para as práticas arquitetônicas a serem desenvolvidas na disciplina, os alunos deveriam postar no mesmo grupo fechado um trabalho de pesquisa sobre um arquiteto brasileiro de renome nacional de sua escolha, completando os 5% restantes da ME, de acordo com os critérios mostrados a seguir:

- Assim que selecionasse o profissional, deveria postar no grupo fechado para que outros alunos não selecionem o mesmo profissional. O primeiro aluno que postasse seria o único a pesquisar sobre tal arquiteto;
- Deveria desenvolver pequeno texto sobre a trajetória profissional do arquiteto escolhido;
- Elegeria duas obras de caráter residencial do profissional, apresentando plantas baixas e fotografias de cada um dos projetos apresentados;
- Desenvolveria texto descritivo apontando aspectos conceituais identificados em cada obra, o sistema construtivo adotado e os materiais selecionados pelo arquiteto;
- Apresentaria pesquisa no modelo a ser disponibilizado no grupo fechado da turma;
- Pesquisa deveria ser publicada até os dias 03/março/2015, para os membros do grupo Projeto I_E06_2015, e até os dias 04/03/2015, para os membros do grupo Projeto I_E04_2015.

3 SOBRE A LEITURA E DISCUSSÃO DO TEXTO

Na ordem inversa à apresentada no item anterior, as postagens iniciais referiam-se à deflagração do profissional selecionado.

para a pesquisa e, posteriormente, a postagem da mesma. Para esta etapa, todos cumpriram os prazos e as postagens foram disponibilizadas deixando a sua contribuição para a coletividade do grupo. As pesquisas estiveram disponíveis para consulta e download durante todo o semestre letivo, uma vez que o Facebook, além de hospedar-las, as tornou acessíveis de forma remota (em qualquer lugar onde o aluno estivesse) e no momento em que necessitasse da informação, ou mesmo se tornou disponível para acessá-la.

Para dar início às discussões do livro, foi publicado cinco posts, em tempos diferentes, que estavam relacionados com os primeiros capítulos, mas que buscavam também uma relação entre as ideias do texto e as vivências de cada um. Os dois grupos foram postados três questões, duas distintas e uma comum aos dois grupos, para ampliar as possibilidades de comentários diferentes.

As três questões foram publicadas no grupo Projeto I_E04_2015, da turma E04, e percebeu-se uma oscilação no número de posts dos alunos, que naquele momento eram 29 nesta turma. Para a primeira questão, comum aos dois grupos, foram postadas respostas por 25 discentes (86,2%), para a segunda questão temos 10 respostas (34,5%) e para a terceira questão (48,27%).

Já no grupo Projeto I_E06_2015, da turma E06, com 27 alunos, as participações apresentaram percentuais mais baixos e oscilantes. Na primeira questão participaram 18 (66,7%), na segunda questão 4 (14,8%) e 6 (22,2%) para a terceira questão.

Nos dois grupos, após ter publicado a questão inicial e ter obtido as respostas, o professor discutiu as postagens de forma que os alunos no intuito de fomentar a participação dos demais discentes com a troca de ideias. Considerando que se tratava de uma atividade de avaliação acredita-se que, mesmo havendo simpatia com a atividade proposta, os alunos sentiram-se mais como cumpridores de uma formalidade acadêmica e julgaram necessário apenas mostrar a efetivação da leitura através das postagens/respostas, não contribuindo muito para a discussão posterior sobre as postagens dos demais. Destacamos o baixo percentual de alunos que discutiram os posts de outros, 3,4% e 11,1% nas turmas E04 e E06 respectivamente. Observamos que na turma E06 os alunos discutiram mais as postagens dos amigos mais próximos, reforçando as relações dos grupos presenciais construídos desde o início do curso.

3.1 - AVALIAÇÃO DOS ALUNOS SOBRE A ATIVIDADE

Após o término da Unidade I e entrega das notas, foi aplicado um segundo questionário impresso intitulado de “DISCIPLINA EM REDE, VOCÊ APRENDEU?”. Sem identificar-se os alunos puderam avaliar sua participação na atividade desenvolvida no Facebook e ainda apresentar sugestões para o processo. Nesta etapa o número de participantes das duas turmas somava um total de 48 discentes.

A primeira questão representa o grau de satisfação quanto ao uso do Facebook como instrumento para discussão da disciplina. Destes, 32 (66,7%) sentiram-se satisfeitos, 15 (31,3%) insatisfeitos e 1 (2%) se absteve. Quanto aos motivos de insatisfação, destacamos as seguintes posições dos alunos 1, 2 e 3.

“Muito “robotizado”. O Facebook não me inspira a discutir. Presencialmente é muito melhor”. (a 1)

“Acho que as pessoas deveriam gerar discussões, debates do tema e não respostas acabadas”. (a 2)

“Porque alguns alunos se acomodaram por não ser uma participação presencial, fazendo com que a discussão ficasse no âmbito de uma minoria de alunos, sendo geralmente os mesmos a participarem. Discussão presencial exigiria um estudo mais aprofundado do aluno”. (a 3).

Mesmo com um alto percentual de insatisfação (31,3%), 42 dos discentes (87,5%) admitem ter assimilado o conhecimento decorrente do processo e 47 (98%) concordam que o uso do Facebook para discussões proporciona flexibilidade de tempo e espaço para a participação e ainda economiza a aula presencial para as atividades curriculares.

Em relação às falhas na atividade, apontadas por 16 alunos (33,3%), destacamos o que entendemos como mais relevante:

“ Pouca interação, textos longos, falta de moderação” (a4);

“As falhas a meu ver estão na preguiça que as pessoas têm com relação à leitura” (a5);

“Falta de correção ou no que o professor achou do pensamento de cada aluno em geral, não houve uma discussão” (a6);

Dentre as sugestões apresentadas pelos alunos temos:

“Maior participação do professor para estimular as postagens dos alunos” (a7);

“O professor sinalizar se os alunos estão interpretando o texto corretamente” (a8).

Apesar de ser a primeira experiência, os alunos apontam para a necessidade de aperfeiçoamento quanto a maior clareza nas orientações e mediação do professor. As tecnologias digitais e a internet 2.0 apresenta uma série de mecanismos e estruturas de comunicação que podem contribuir como os próprios alunos atestam, para a melhoria das relações comunicativas e produção colaborativa do conhecimento e, conseqüentemente para o aperfeiçoamento do processo de ensinar e aprender.

5 A GUIA DE CONCLUSÃO

Com a metodologia aqui descrita não pretendemos apresentar uma proposta inovadora no quesito “abordagem de conteúdo”, mas discutir uma possibilidade proporcionada pelo meio digital de vencer as barreiras de tempo e espaço impostas pelo tradicional cartesiano, pautado na figura do professor e centralizado no espaço físico da sala de aula. Aqui, o discurso ganha flexibilidade e liberdade de ação, de maneira a estimular a sua autonomia.

Entendemos que numa perspectiva colaboracionista, a construção do conhecimento se dá de duas maneiras, individualmente (nesse caso, através das percepções adquiridas através da leitura) e coletivamente (pela troca de experiências e interpretações do grupo). Nesse sentido o aluno aprende a aprender o conhecimento, buscando e compartilhando informações e tornando-se o protagonista no processo de aprendizagem.

Contrariamente às discussões presenciais, pautadas na oralidade, onde as idéias não estão disponíveis para consultas posteriores (exceto quando registradas em áudio ou vídeo), no meio digital as mesmas tornam-se repositórios de conteúdo que podem ser acessados sempre que necessário. Esse registro digital acaba ocasionando mais responsabilidade no processo, uma vez as publicações, acessíveis a qualquer momento, estão passíveis de críticas e julgamentos.

No final da atividade, ao ser aplicado o questionário de satisfação com a participação, foi apontado que no Facebook foram apresentadas respostas acabadas, não gerando a discussão e tornando o processo “robotizado”. Acreditamos que, como dito anteriormente, por tratar-se de uma atividade constitutiva da avaliação os alunos sentiram-se cumpridores das formas apenas registrando as postagens, considerando o processo então finalizado, não gerando o desencadeamento das discussões. Nas aulas iniciais da disciplina, paralelo ao início das atividades aqui elencadas, outros dois livros foram lidos e trabalhados na sala de aula, mas as discussões não se desenrolaram na totalidade da turma, e a abordagem ficou centrada entre o professor e outros dois ou três alunos, talvez pela timidez de se pronunciarem em público ou mesmo pela falta de leitura. Então, como afirma-se que “presencialmente é muito melhor” ou “o Facebook não me inspira a discutir”, acreditamos que trata-se de uma questão pontual, uma vez que no ciberespaço a única característica do presencial que não é possível é o contato visual.

Em suas respostas admitem acomodação para a leitura, e queixam-se a respeito da extensão e clareza do texto, o que indica uma falta de preparo para interpretação textual, uma vez que o livro sugerido para a discussão apresenta uma linguagem simplista e descritiva, e conduz o leitor a despertar, metaforicamente, sensações arquitetônicas.

Como o modelo tradicional de ensino está muito sedimentado na sociedade, percebemos, através das queixas apresentadas pelos alunos quando indagados sobre as falhas detectadas na atividade, que existe uma grande dependência da intervenção docente para a continuidade do processo de aprendizagem, principalmente quando sinalizam a necessidade da mediação e correção das postagens, inclusive apontando-a como incentivo para a discussão.

Diante do exposto, concluímos que as tecnologias digitais, as redes sociais e o Facebook, são ferramentas com potencial contribuição para o relacionamento ensino/aprendizagem e para os processos comunicacionais. Porém será necessário

revisão nos currículos acadêmicos para a introdução das considerações de tempo e espaço do mundo digital de modo a possibilitar a sua inserção como competência na formação do indivíduo autônomo.

DEWEY, John. **Experiência e educação**, Tradução Anísio Teixeira, 2ª edição, São Paulo, Ed. Companhia Nacional, 1971.

LÉVY, P. **Inteligência Coletiva**: por uma antropologia del ciberespacio. São Paulo, Ed. Loyolaa, 1998.

_____. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 2010

MORIN: Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2013.

OXFORD, Rebecca L. **Cooperative Learning, Collaborative Learning, and Interaction**: three communicative strands language classroom [online]. The Modern Language Journal, v. 81, n. 4, p. 443–456, 1997. Disponível <http://haserahibrahim.wikispaces.com/file/view/Cooperative+Learning,+Collaborative+Learning+and+Interaction_Three+Communicative+Strand>. Acesso em: 20/06/2015.

PANITZ, Ted. **Collaborative Versus Cooperative Learning**: Comparing the Two Definitions Helps Understand the na Interactive learning [online]. Cooperative Learning and College Teaching, V8, n. 2, 1997. Disponível <<http://home.capecod.net/~tpanitz/tedsarticles/coopdefinition.htm>>. Acesso em: 12/06/2015.

RIBEIRO, Mayra Rodrigues Fernandes. Diário de pesquisa e aprendizagem multirreferencial na cibercultura. In: SA Edméa (org.). **Diário online**: Dispositivo multirreferencial de pesquisa-formação na cibercultura. Santo Tirso: Whitebooks

TOFLER, Alvin. **A Terceira Onda**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2012.

[1] As informações separadas por “underline” referem-se ao nome da disciplina, à turma do grupo e ao ano corrente.

[1] As informações separadas por “underline” referem-se ao nome da disciplina, à turma do grupo e ao ano corrente.

(i) Especialista em Didática e Metodologia do Ensino Superior, Professor Assistente I - Arquitetura e Urbanismo – UNIT/C Farolândia murilolacerda@hotmail.com.

(ii) Doutor em Ciências da Comunicação-USP, Pesquisador PPG 1 / Programa de Pós Graduação em Educação – UN GECES – Grupo de Pesquisa em Comunicação, Educação e Sociedade, e-mail: nuneslinhares.ronaldo8@gmail.com.

Recebido em: 03/07/2015

Aprovado em: 06/07/2015

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Método de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: